

TRIBUNA LIVRE

À Biblioteca Pública de
Braga

AVENÇA — N.º 640 Preço 2\$00

17
JANEIRO
1976

PROPRIEDADE:

Irmãos Barbosa de Macedo

SEMANÁRIO DE CRÍTICA

E ACTUALIDADES

DIRECTOR: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração - Comp. Imp. e Redacção - LARGO DA FEIRA NOVA

Telefone 62113 - AMARES

Plenário dos Agricultores em Braga

A Verdade em seu ponto

Muito se tem escrito sobre o plenário de agricultores realizado em Braga. Os que querem ofuscar a sua mensagem minimizam-no alegando que o Governo já esclareceu que a Reforma Agrária, para já, só se aplicará ao Alentejo, que o Norte, composto de minifundiários não tem que recear, que a representatividade do plenário não convence etc', etc.

Neste caso como em tantos outros, ou, melhor dizendo, em quase todos os outros, não há franqueza nem verdade e tenta-se levar o Povo Português em nome de uma apregoada falta de cultura política, que há-de desiludir muita gente.

O que a esmagadora maioria pensa é que deve fazer-se uma reforma agrária mas com escrupulo, com coerência e com dignidade. Deixar o Alentejo ao sabor da lei da rapina é classificar o nosso povo de irresponsável e mau; falho de humanidade e justiça; despido de sentimento nacional. No Alentejo, no Minho ou no Algarve há grandes e pequenos agrários sendo justo que para todos haja uma lei digna de povo civilizado.

Não venham alegar, sob pena de serem considerados imbecis e desonestos que no Alentejo, porque há mais latifundiários, pode subsistir uma forma de agir em que só a força e o desrespeito contam.

Em qualquer parte do mundo isto é procedimento de selva, de incivilizados, de ladrões ou gatunos. E quando um Ministro ou um Governo permitem ou recomendam isto, são vândalos que terão de responder pelo arbitrio, mais tarde ou mais cedo.

Estivesse mais ou menos gente no Plenário tenham a certeza que o bom do Povo português se sente aterrorizado ao saber que sob pretexto algum se podem inva-

dir propriedades e impor colectivação.

De resto, senhores responsáveis, os senhores que fizeram tantas leis não foram nem são capazes de fazer alguma. Mas, pelo contrário ou permitem abusos ou a inércia e a incompetência.

Vejam o caos dos Grémios da Lavoura, das Cooperativas que prometeram, dos intermediários que cada vez são mais e mais atrevidos.

Os senhores tem-se revelado incompetentes e pouco sérios, pensando do Povo Português o que ele não é. E ve-lo-ão quando ele vos julgar.

Deitem para cá uma reforma agrária coerente, cumprida com autoridade e verão que ninguém a repudia. O mal é que com coerência e dignidade os senhores ainda não fizeram nada.

Elísio Gonçalves

Segunda-feira, dia 19, passa mais um aniversário natalício o nosso colaborador e bom amigo sr. Elísio Gonçalves.

Para o ilustre aniversariante vai um abraço de amizade do pessoal gráfico com o desejo e preces ao Criador de que o deixe por mais e muitos anos viver na terra em que nasceu e que este seja um dia feliz junto de sua idolatrada família.

Parabéns sinceros

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanaário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Discurso proferido pelo Prof.

Diogo Freitas do Amaral, em 2 de Dezembro de 1975, na Assembleia Constituinte

Senhor Presidente
Senhores Deputados.

Portugal viveu na semana passada uma grave crise. Levantado já o estado de sítio parcial e concluído, assim, o período mais agudo dessa crise, importa encará-la de frente, não tanto para repisar aqui factos e acontecimentos que todos conhecemos, como sobretudo para entender em profundidade o que se passou e para examinar, mais do que 25 de Novembro em si mesmo, os seus antecedentes e as suas consequências.

Devemos, é certo, congratular-nos efusivamente nesta Assembleia Constituinte com a vitória da liberdade, da ordem, do Estado sobre a rebelião armada que destruiria as primeiras e subverteria o último.

Devemos, também, dar solene testemunho da nossa gratidão a todos os que souberam, com notável aprumo militar e grande coragem moral, cumprir o seu dever, bem como prestar homenagem àqueles que tombaram em defesa da liberdade.

Devemos, enfim, denunciar o comportamento insurreccional de alguns militares e a autoria moral de alguns partidos, nomeadamente o PCP, que uma vez mais mostraram bem para que lado pende o seu coração, mas quando a cabeça lhes recomenda uma certa prudência de última hora.

Mas não podemos ficar-nos por aqui. Precisamos ir mais fundo na nossa análise e mais longe nas nossas proposições.

Senhor Presidente
Senhores Deputados.

A partir de 25 de Abril de 1974, têm-se desenvolvido no nosso País, não uma, mas várias revoluções que se combatem entre si e procuram triunfar umas sobre as outras.

Uma, a primeira, é a revolução democrática—que cor-

responde ao espírito original do Movimento das Forças Armadas e tem o apoio da grande maioria do Povo Português, designadamente através dos três partidos democráticos representados nesta Assembleia.

Outra, a segunda, é a revolução comunista—que habilmente se procura fazer avançar sob a capa e a pretexto da primeira, com o apoio do PCP e seus satélites, dos movimentos da extrema-esquerda e de alguns, poucos, elementos do radicalismo militar.

E uma outra, a terceira, que é a revolução socialista-militar, que procura seguir uma linha de compromisso entre os elementos das duas primeiras e tem como inspiradores, entre outros, destacados membros do chamado

«Grupo dos 9».

Seria interessante estudar a doutrina, a estratégia e os blocos de apoio de cada uma destas revoluções e, bem assim, as relações, os contactos e as alianças tácticas entre umas e outras. Não é, porém, este o momento nem o local para isso. Aqui e agora, apenas nos importa sublinhar alguns aspectos de maior relevo.

Assim, antes de mais, convém chamar a atenção para que cada uma das revoluções referidas conduzirá, se triunfar, a regimes políticos bem diversos: a revolução democrática pluralista (regime democrático), a revolução comunista produzirá a ditadura do proletariado (regime totalitário) e a revolução socialista

Continua na 4.ª página

CURIOSIDADES

Filipe Desportes (1546 1606), poeta francês da corte, recebeu 100.000 contos por um poema de 3 linhas. Foi-lhe solicitado por Henrique III, rei de França, que desejava lê-lo à sua amada. O texto é do teor seguinte:

Pouco se me daria que o céu me deixasse nascer
Sem nome e sem honra, contanto que eu pudesse estar
Sempre ao pé de ti.

O rei deve ter ficado muitíssimo satisfeito, pois presenteou o poeta com a renda de 4 abadias por toda a vida. Deste modo, o poeta recebeu um total de 100.000 contos o que constitui a maior gratificação que a história regista.

O número 9 na vida do Papa S. Pio X

Escrevia quando Patriarca de Veneza.

«De nove em nove anos cai uma folha do meu calendário. Nove anos fui coadjutor de Tômbolo: nove anos pároco de Salzano: nove, cônego de Treviso: nove, governei Mântua, como Bispo: que vão fazer de mim quando acabem os nove anos de Patriarca de Veneza? Papa? Não vejo outra solução».

E ria com prazer. Mas não houve outra solução. Terminados os nove anos de Patriarca foi eleito Papa em 1903 falecendo em 1914.

2.ª Publicação em 17-1-76


Tribunal Judicial da Comarca
 DE
AMARES
 ANÚNCIO

Pela Secção de Processos do Tribunal Judicial da comarca de Amares, nos autos de Execução Sumária n.º 34/74 que a exequente MARIA DE JESUS DA COSTA, casada, residente no lugar de Passos, da freguesia e comarca de Amares move contra o executado EDUARDO AUGUSTO FERREIRA VILELA DA SILVA, solteiro, maior residente em Rue Kleber-La-Garenne Colombes, 92 Seine-França, foi designado o dia 21 do presente mês de Janeiro, pelas 14 horas, neste Tribunal, para a realização da arrematação em hasta pública, em 3.ª praça, dos bens adiante indicados penhorados àquele exe-

cutado nos aludidos autos e que serão postos em praça e entregues a quem maior lance oferecer.

BENS A VENDER

1.º — Uma quarta parte indivisa da Quinta denominada «Da Teixeira», sita no lugar do Cano, freguesia de Santa Maria de Bouro, da comarca de Amares, que se compõe de cabana, eira, canastro e diversos terrenos de lavradio, descrito na Conservatória sob o n.º 31257 e inscrita na matriz sob os art.ºs 87 a 92, 94, 120 a 122, 124 e 126, que será posta em praça por qualquer preço; 2.º — Uma décima parte indivisa de uma morada de casas que se compõe de rés-do-chão 1.º e 2.º andares, sita no lugar do Cano, freguesia de Santa Maria de Bouro, da comarca de Amares não descrita na Conservatória e inscrita na matriz urbana do art.º 361, que será

posta em praça por qualquer preço; 3.º — Uma décima parte indivisa da Quinta da Teixeira, sita na freguesia de Santa Maria de Bouro, da comarca de Amares, formada por diversas terras de lavradio, com as denominações de Campo Redondo, Leira dos Caleiros, Campo da Fonte, e Leiroto do Caminho formando um só prédio, não descrito na Conservatória e inscrita na matriz nos art.ºs 469 a 471 e 476, que será posta em praça por qualquer preço; 4.º — Uma décima parte indivisa da Bouça da Calçada, sita no lugar de Arreentaço ou Pedreira de Baixo, freguesia de Santa Maria de Bouro, da comarca de Amares, não descrita na Conservatória e inscrita na matriz sob o art.º 1995 que será posta em praça por qualquer preço.

Amares, 27 de Novembro de 1975

O Juiz de Direito, subst.º

José Pereira da Silva

O Escrivão de Direito,

Domingos Manuel da S Fernandes

10 questões a Melo Antunes

(Continuação da 4.ª página)

6.

Foi Você e o Grupo dos nove quem venceu o 25 de Novembro e quem pode falar pelas F. A.? Significa isso esquecer que a vocação M.F.A. foi até agora ser conduzido e não a de ser condutor? Significa isso acreditar que há nas F.A., politicamente falando, completa unidade de pensamentos, palavras e obras? Significa isso acreditar, sem tirar as lições do passado, que essa reconstrução do M.F.A. é possível sem uma alteração chave da estrutura e uma definição clara da função estratégica das F. A. Significa isso pensar que as F.A. ainda têm prestígio suficiente para o país todo aceitar a sua dianteira? Significa, isso, desconhecer que em qualquer caso, seria sempre muito difícil converter umas F.A. que aceitaram lutar durante anos sem verdadeira estratégia — a da vitória, — com intuítos, hábitos e meios defensivos, como aliás seria próprio de exércitos pacíficos, a uma estratégia de vitoriosa antecipação e criação política? As F.A. querem o Movimento — M.F.A. — ou a Estabilização? Querem a Acção exterior ou a Reconquista interior? Dúvidas legítimas...

7

A unidade está nas suas preocupações. Qual é, porém, exactamente, face às inúmeras variáveis existentes, a constante que Você oferece? É só a palavra mágica — Socialismo, o socialismo como opção formal anterior à «socialização das consciências»? Tem já uma alternativa nas suas vistas, ou aproveita, apenas, a falta de outras alternativas elaboradas e exequíveis? Já reparou que estamos ainda no princípio da Revolução, e no princípio e mais simples problema: Que Estado quer? O Estado é antecedente e o quadro do Processo. O Processo só vem depois. Mas entre nós — já reparou? — só há Processo (é o processo que está no princípio e no fim?): o Estado ora é do Poder Popular, ora é do Poder Democrático (Assembleia Legislativa e Partidos), ora é o do Poder Militar. Como pensa resolver isto? A Questão, de facto, não é mais a de Governo — a questão do anti-gonçalvismo, por exemplo — mas a do Estado.

8

Unidade? Mas será possível a unidade, mantendo a linguagem da Revolução e da Contra-Revolução, esquecendo que um novo horizonte político é sobretudo uma nova linguagem? Será possível a unidade feita com a aritmética das pequenas e médias, urbanas e rurais burguesias e proletariados, somando-se e subtraindo-se para obter um «superavit»? A unidade no tempo é claro, é também o contrário da ideia de Processos. Agora que o processo inflecte não haverá riscos na ideia de processo? Será possível manter-nos ao nível da Revolução como «mito» e como problema teórico, ou teremos que passar a outro nível mais prático?

9.

Com tanta unidade, acaba por haver uns laivos de nacionalismo de esquerda — o nacionalismo hoje é de esquerda — na proposta. Não lhe parece?

A sua ambiguidade, ao oscilar entre o nacionalismo de esquerda — à argelina — e uma democracia socialista — sem passado nem presente, ainda — não será demasiado vaga, grande e, por isso, demasiado in-mobilizadora e perigosamente apelante de uma efigie pessoal em que se incarna? Não será a sua filosofia mais uma coisa que se é e, portanto, resto de qualquer outra coisa que está para trás e não ponta-de-lança a descolar?

10.

E, a propósito, ainda é terceiro-mundista? Se hoje não contam tanto as ideologias como as estratégias mundias de poder, em qual é que se filia? Ou quer evadir-se, sem decidir, para esse mundo residual, de nostalgia pré-industrial, que é o Terceiro Mundo? Mas, por outro lado, porque é que a sua independência nacional é tão pró-europeu e tão pró-africana, pró-soviética e pró-americana ao mesmo tempo? Qual é a sua política internacional, ao fim e ao cabo?

x x x

Haverá mais questões não muito claras e disparáveis de múltiplas direcções. A intenção, porém, é abrir o campo do tiro. Os alvos duradouros precisam de ser reconhecidos experimentados. Não vale apenas adiar exames e perguntar é um serviço prestado à clarificação — que quando definitivamente atingida é afinal, clareza. Aliás se o 25 de Novembro consubstancia aquilo que Malraux já chamara antes, a propósito do caso português, «o fim do mito Kerenski», só uma proposição precisa pode consolidar e tornar crível o governo e o Estado do socialismo democrático.

30 de Novembro de 1975

JUSTINO

Portugal é a tua terra!



A terra onde nasceste.
Onde tens o sossego duma casa à tua espera.
Ou um campo para cultivar. Ou possibilidade de negócio. Onde a Caixa Geral de Depósitos zela pelos teus interesses.
Dinheiro depositado na Caixa Geral de Depósitos é dinheiro a crescer. Com segurança.
JUROS ATÉ 9,5 % NOS DEPÓSITOS A PRAZO.
A Caixa Geral de Depósitos está, com toda a banca nacionalizada, ao serviço dos trabalhadores.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



PELO CONCELHO

Vilela

No passado sábado, dia 10, realizou-se o casamento da menina Rosa de Araújo Maia com o sr. Maurício de Oliveira da Silva.

— x —

Na nossa igreja foi batizado um menino filho do sr. Artur Carvalho e D. Rosa Freitas de Sousa.

Paredes Secas

Realizou-se aqui a festa a S. Sebastião. Houve procissão com andores e no sábado à noite houve importante sessão de fogo de artifício.

— x —

Consta que na estrada Paredes Secas-Dornelas, no sítio chamado Foz, tem aparecido uns malandrins tentando assustar as pessoas.

Dornelas

Está esta freguesia a restaurar a Capela de S. Tiago, apesar do proprietário da bouça se opôr.

Filinto

Camara Municipal de Amares

ANUNCIO N.º 1

Faz-se público que se encontra aberto concurso para adjudicação da empreitada «C. M. 1242 — Construção (de Ladredo, na E. N. 308, a S. Bartolomeu e ramal para Monte Chão) — 2.ª fase — pavimentação (em betuminoso ou calçada à fiada) de 2 262 m.»

O prazo para apresentação das propostas é de vinte dias, a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», realizando-se o acto público do concurso no edifício dos Paços do Concelho na primeira reunião que se efectuar após o termo daquele prazo, pelas 15 horas.

Base de licitação 952 605\$00
Caução provisória 23 816\$00

Alvará — correspondente ao valor da proposta

O programa do concurso, caderno de encargos e o projecto encontram-se patentes na secretaria da Câmara e na Direcção de Estradas de Braga, onde podem ser consultados, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Paços do Concelho de Amares, 13 de Janeiro de 1976

O Presidente da Comissão Administrativa,
(Dr. José Vieira de Bairos)

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manse	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos:

No próximo dia 19 o sr. António Joaquim Araújo

No dia 20 o sr. José Aureliano da Silva Pereira

No dia 21 os srs. Agostinho dos Santos Maia, prof. Domingos M. da Silva e o jovem João Alves, de S. Vicente do Bico.

No dia 22 a sra. D. Júlia Fernanda de Oliveira e Silva

No dia 24 o sr. António de Almeida, ausente em França.

No dia 25 o sr. Augusto de Barros Azevedo.

No dia 26 o sr. António Geraldino dos Santos Meneses

No dia 27 o sr. Narciso A. de Jesus Gonçalves e o sr. Manuel Armindo Vitoriano V. Soares.

No dia 28 o nosso camarada gráfico sr. Daniel Machado de Sousa e no 28 a menina Maria Tereza de Jesus Gonçalves.

PROBLEMA

Um cavaleiro foi a um quartel de visita e perguntou no fim ao comandante;

Quantos soldados tem sob as suas ordens?

O comandante respondeu;

Olhe; metade deles faz ginástica; um quarto exercita-se com armas; um oitavo trabalha na limpeza do quartel; um décimo está de licença e vinte e cinco estão neste momento a fazer rancho.

Quantos são?

Condições de Assinatura

Estrangeiro

Ano 250300

Semestre 180300

Continente

Ano 100300

ANEDOTAS

Um senhor da cidade, de visita à aldeia, observa que determinado casal criava os porcos dentro de casa. E diz:

— Com franqueza, parece-me muito anti-higiénico viverem os porcos assim junto com os senhores..

A dona da casa:

— Pois olhe, meu senhor, nunca nos morreu nenhum

o o o

O garoto chorava desabaladamente à porta de casa.

— Porque choras, meu menino?

perguntou-lhe uma senhora.

— Porque me fecharam na rua.

o o o

Dizia o abade a um borrachão:

— O seu maior inimigo é o vinho.

— Desculpe, sr. abade, não nos está sempre a dizer que devemos amar os nossos inimigos?

— Amá-los, sim; mas não bebe-los!

o o o

Completo 101 anos o médico grego Theotokis Farkulos. Um jornalista perguntou-lhe qual era o seu segredo para tão larga longevidade.

— É que, diz o clínico, vivo dos remédios... mas não os tomo.

EDITAL

ARMANDINO DE ABREU DIAS, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Amares:

— x —

FAÇO SABER que a partir do dia 6 do corrente se encontra patente e em reclamação pelo espaço de oito dias a todas as pessoas que possa interessar, o ORÇAMENTO ORDINÁRIO PARA 1976, desta Misericórdia, o qual pode ser examinado por todos os interessados que o desejarem.

Para constar se publica o presente edital que será afixado nos lugares do estilo.

Amares, 6 de Janeiro de 1976.

O PROVIDOR,
Armandino de Abreu Dias

CARRO DE ALUGUER
PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

Adelino da Silva e Sousa

MOTORISTA DE PRAÇA

RUA DA DEVEZA N.º 7

PRAÇA RESIDÊNCIA
TELEF. 22424 BRAGA TELEF. 26220

Freitas do Amaral na Constituinte

listo-militar desembocará num fascismo de esquerda, ou nacional-populismo (regime autoritário).

Resulta do exposto que das três revoluções em despique apenas uma, a primeira, tem verdadeira natureza democrática; as outras duas são antidemocráticas e redundarão necessariamente em ditaduras.

O 25 de Novembro foi uma vitória, não definitiva mas importante, sobre a revolução comunista. Essa vitória pertenceu à revolução democrática e à revolução socialista-militar, que em face do perigo comum se aliaram e levaram a melhor. Mas, batida e controlada provisoriamente a revolução comunista, a disputa entre as duas recomeçou imediatamente e não se encontra ainda terminada: pode dizer-se que, verdadeiramente, só agora começa.

As declarações públicas de alguns chefes militares, com particular destaque para o Major Melo Antunes e para o Brigadeiro Franco Charais, não acompanhadas ou contraditadas pela defesa das teses democráticas que existem no seio do MFA, fazem crer que se procura neste momento, nas cúpulas militares, privilegiar a opção socialista-militar relativamente à opção democrática.

Pretender-se-á pois, no plano ideológico, valorizar o socialismo em detrimento da democracia; no plano político, preconizar um socialismo pluralista em vez de uma democracia pluralista; no plano estratégico, relançar o MFA como vanguarda incumbida na condução do processo revolucionário, com prejuízo da liderança partidária assente nos resultados eleitorais; no plano da organização do Estado, instituir a supremacia do poder militar em vez da plenitude da democracia civil; no plano tático, associar ao MFA apenas os partidos em cada momento identificados com a sua linha política, considerando a oposição, não como uma alternativa de governo, mas como um resíduo agonizante de um passado definitivamente enterrado.

No momento em que os adeptos deste modelo original tentam lançá-lo, procurando tirar vantagem política de uma vitória militar que pertenceu sobretudo aos adeptos da revolução democrática, o CDS deseja declarar de uma forma muito nítida e inequívoca que rejeita aquela solução.

Depois de tantos anos de uma ditadura de direita, o Povo Português não está disposto a experimentar uma

ditadura de esquerda. O pluralismo dos partidos de nada servirá se não funcionar em conexão com a soberania popular, isto é, se não se destinar em cada momento a pôr no Governo os partidos que ganharem as eleições e na oposição os que as perderem — qualquer que seja a sua linha ideológica ou o seu programa político.

Admitir uns tantos partidos mas apenas no âmbito do «socialismo» definido superiormente pelo MFA e para colaborar com este sob as ordens de um Conselho da Revolução militar, não é aceitar a democracia pluralista, mas impor uma ditadura pluralista de esquerda, perfeitamente simétrica da ditadura pluralista da direita que associava à ANP, no Governo, a Legião, a Liga dos Antigos Graduados e a Sedes... Sabendo-se, todavia, de antemão quem havia de perder as eleições e quem havia de as ganhar e dentro destes, para quem iria o bolo e para quem as migalhas.

Não: para trocar uma ditadura agrária de direita por uma ditadura militar de esquerda não valia a pena fazer o 25 de Abril, nem este teria tido metade do apoio popular que de início teve.

O que caracterizou o 25 de Abril e motivou a adesão maciça deste país foi a promessa da devolução do poder ao povo de acordo com eleições livres: foi isso que deu a vitória ao MFA; e só isso o pode salvar.

Ao defender, uma vez mais, esta concepção, o CDS louva-se agora também na lição colhida do 25 de Novembro. Se o golpe insurreccional foi tentado isso deveu-se à excessiva politização de alguns quartéis e à sedução de alguns chefes militares com vocação teatral pela representação de papeis relevantes na cena política. Por outro lado, se o restabelecimento da autoridade do Estado e da legalidade democrática foi possível, isso deveu-se a que certas unidades militares souberam manter-se imunes à intoxicação ideológica, ao mesmo tempo que alguns militares autênticos souberam resistir à tentação de trocar a ética militar pela controvérsia política.

Este exemplo tem de servir de lição. A política incrustada institucionalmente no âmago das Forças Armadas gera fatalmente a divisão interna destas e, por consequência, a desorganização, a inoperacionalidade e a dissolução da instituição militar. É preciso, assim, que os militares portugueses compreendam que a paz, a liberdade

Passatempo

Substituir os por letras, de maneira a encontrar o nome de cidades de Portugal;

. . . C
. . . I
. D .
. A . .
. D .
. E . .
. . . S . .

de e a justiça em Portugal reclamam deles que se coloquem, quanto antes, à margem do processo político civil.

Quer o CDS dizer, com isto, que o MFA deve ser dissolvido imediatamente? Não. Pensa o CDS que o MFA tem ainda funções muito importantes a desempenhar, antes de se dar por concluída a sua missão histórica, e que são: defender a soberania nacional, ajudar a manter a ordem pública e, sobretudo, implantar, consolidar e garantir o funcionamento, livre e regular, de uma democracia pluralista.

Só que, para este efeito, o MFA não pode governar, nem fazer opções ideológicas nem condicionar a liberdade do voto, nem sobrepor-se aos partidos, nem fazer discriminações entre os diferentes projectos políticos.

O único objectivo não militar que pode e deve ser prosseguido pelo MFA é o da democracia política. Entretanto, será naturalmente legítimo a este ou aquele militar com inclinações políticas bater-se publicamente pelo seu projecto pessoal de democracia económica e social: mas, como o CDS vem repetindo desde o Verão, deverá para isso deixar o serviço activo e inscrever-se num dos partidos existentes ou formar o seu. O eleitorado lhe dirá, depois, o que pensa das suas ideias.

E a terminar:

Para que a revolução democrática triunfe, quer sobre a contra-revolução, quer sobre as revoluções socialista-militar e comunista, é necessário que o MFA se reexamine, redefina e se reconverte.

O 25 de Novembro trouxe-lhe essa grande oportunidade. Esperemos que ela não se perca.

Os caminhos da liberdade são longos. Para já, a ordem venceu a ameaça totalitária. Resta ainda que a democracia vença a ameaça da ditadura.

10 questões a Melo Antunes

Numa Revolução não se pode perder nenhuma oportunidade. E o «regresso de Melo Antunes» e dos «nove», no envelope de um texto televisivo que, depois de passado pelo tinteiro, correu o País, sob o epíteto de «proposta política», suscitaram-nos muitas questões. Pômo-las só pelo gosto revolucionário da oportunidade, como quem tivesse cá chegado, hoje, também de paraquedas, mas, desta vez, por acaso e sózinho, apenas cheio de uma grande ingenuidade escolar.

A saber:

1.

Não lhe parece, Senhor Major Melo Antunes, que as suas intervenções são sempre mais análises, que propostas? Não lhe parece que, por virem mais atrás do que à frente dos acontecimentos se limitam a ser mais um acontecimento? Não lhe parece que tem esperado pelas condições em vez de as criar, o que é politicamente mau? Não lhe parece, sendo assim que perde toda a capacidade duradoira de iniciativa, comando e mobilização que poderia ter? O árbitro é que vem no fim, o «motor», a mais originária das peças originárias da máquina política, esse deveria vir no princípio. Não lhe parece que tem aprendido à sua custa e dos outros — e lhe faltou a força da previsão e do desafio? Ou achará que a política se deve aprender segundo o mesmo método do «inglês sem mestre»?

2.

Quem sustenta o seu projecção além de si?

Por outras palavras: que organicidade sócio-política tem o seu projecto? Que forma organizada de consciência política tem ele para poder ser conservado e alimentado duradouramente na prática? ou para poder ser mais do que uma ideia e uma intenção momentaneamente congregadora? Não se esqueça que um projecto político precisa de tanta mais força quanto mais original for. Acha que se deve outra vez ir repousar sobre a solução conjuntural — que são as que têm sido encontradas — para adiar a solução estrutural?

3.

Parece-lhe que uma classe política, não renovada, sofrível repetida, sem grande abertura à multiplicação, à cooptação e à substituição — que se tem, apenas, depurado, — pode ser o suporte de um projecto político redivivo, acicatador e concitador de uma colectividade desanimada e com muitas suspeitas? Acha que, por si só, a derrota de um adversário poderá ser um bastante élan-motriz colectivo?

4.

Fala-se na necessidade de encontrar o «bloco social de apoio» ao socialismo. Pois bem: acredita que o seu socialismo se casa naturalmente com o país, que nem sequer será necessário criar activamente socialistas e fazer funcionar as estruturas democráticas de auto-criação de uma consciência socialista? Se o seu socialismo é democrático, acredita que ele seja maioritário, — e, portanto, legítimo — nas consciências e nas acções da maioria dos portugueses? Querá, pôr, democraticamente — eleitoralmente — à prova o seu socialismo? Ou acredita e quer que o socialismo é o vapor que emputra inexoravelmente ao futuro e às eleições, são, apenas, um modo de popularizar estender, numa atmosfera já antes condicionada, a mobilização socialista?

5.

Diz V. que é decisiva uma aliança P. C. — P. S. e dá a entender que é esse o «nó górdio» e o centro político. Pergunto: não há nesta proposta ainda pretensão ideal, embora oculta, de dissolver os dois num M. F. A. à civil? Não há aí uma pretensão de militarizar civis? Ou será, antes, que alguém pensa dissolver os partidos, forma de solução negativa do acordo e que permitiria esquecer tudo o que o P. C. fez e apagar tudo o que o P. S. vale! Pergunto mais: quer V. só um pluralismo de esquerda, um pluralismo, puro sem objectivos? Isto é: um pluralismo em família — P. S. — P. C. — ou um pluralismo nacional, sem complexos, que reconheça a grandeza que é um País ter dois modos de ser, e além do mais contar com forças efectivas e forças de reserva? Pluralismo, para si, é meter todos os partidos no Governo ou reconhecer e admitir uma Oposição — para fazer de Oposição e para poder vir a ser efectivamente Governo?